CDU 343.4(81)

VIOLÊNCIA URBANA EM FIM DE SÉCULO: UM ENFOQUE DO BRASIL

Geraldo José Marques Pereira

1. Introdução

O mundo vem experimentando, nos últimos vinte ou trinta anos, se muito, extraordinários avanços no campo das ciências e na seara da técnica, além de sensíveis transformações de cunho econômico e de natureza social. Nunca se teve, na História toda da humanidade, desde os mais antigos registros, desenvolvimento tão grande e mudanças tão significativas, em período assim, tão curto, também, de tempo. É um novo Renascimento que emerge, parece, à semelhança das renovações vividas nos séculos XV e XVI, quando a ciência, a cultura e as artes sofreram a metamorfose do inteiramente novo. O avanço todo experimentado pelo homem e as variações vividas pela criatura humana trouxeram ganhos no tocante à qualidade de vida, mas, a contraponto, tudo isso veio acompanhado de problemas novos ou de novos enfoques para velhas questões. A Informática foi das ciências a de maior desenvolvimento, introduzindo o computador em todas as atividades humanas, desde o domicílio ao ambiente de trabalho, nas compras do dia-a-dia e nas transferências financeiras, no aprendizado escolar e na pesquisa, no lazer, até. Uma grande rede internacional – a Internet – tem possibilitado a comunicação imediata entre os quatros cantos do mundo, disponibilizando bancos de dados da maior valia para a pesquisa científica, bem como para o humanismo em geral. Periódicos de todos os ramos dos saberes humanos estão disponíveis hoje na rede, permitindo o acesso fácil por parte de

qualquer um, democratizando, verdadeiramente, a informação. Obras raras e antigas integram o largo acervo da Internet e podem ser reproduzidas na impressora doméstica! Tudo isso está à mão, devidamente digitalizado. Operações econômico-financeiras, inclusive entre nações, podem se realizar a partir dos terminais, fazendo do planeta uma aldeia, quase. As comunicações, de uma forma geral, avançaram, extraordinariamente, no período e, da invenção do telégrafo, do rádio e do telefone, chegou-se ao fax e à telefonia celular. A televisão cobre o mundo todo e oferece a notícia em tempo real, embora o fato seja registrado do outro lado da terra, graças ao aperfeiçoamento dos satélites. A aviação, também, avançou assustadoramente, de tal maneira, que tornou as viagens de negócio uma rotina dos executivos e fez do turismo uma indústria em pleno crescimento.

Essas formas, mais do que abrangentes, de relação entre os povos, dando uma idéia, não inteiramente aceitável, de uma nova e fraternal união, resultou, também, da queda do muro de Berlim e da debacle dos regimes totalitários, tendo recebido sem dúvida alguma, o impulso das novas alianças internacionais, tais como a União Européia, o Nafta e o Mercosul. Com as relações internacionais bem estabelecidas, pelo menos aparentemente, foram rompidas as barreiras alfandegárias e os intercâmbios comerciais incentivados, de tal forma que os produtos importados disputam lugar nas prateleiras dos supermercados e das lojas, com aqueles de fabricação nacional. Está globalizada a economia, obrigando os países menos preparados a se equiparem, rapidamente, no sentido de acompanharem esse desenvolvimento avassalador, que surpreende, mas que não pode ser detido! Sobre a globalização, aliás, observações da maior valia são aquelas inseridas no artigo intitulado "O Brasil e os Riscos da Modernidade", de Ignacy Sachs, da École de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, do Centre de Recherches sur le Brèsil Contemporain, quando mostra as conseqüências sociais do desenvolvimento, o preço elevado pago nessas circunstâncias do crescimento tecnológico. Aponta o autor no sentido de que as técnicas de alto desempenho, lançadas, supostamente, para trazer felicidade ao homem, em realidade estão contribuindo com o subemprego e o desemprego, deixando à margem 30% da população mundial. A chamada obsolescência moral dos equipamentos vem sucateando material ainda aproveitável e

plenamente utilizável, contribuindo para o afastamento, mais e mais, do trabalho humano, robotizando necessariamente, a produção. Essa "destruição criadora", como diz o autor, é responsável por elevado custo social! Assim, o otimismo reinante parece não ser inteiramente justificável, na medida em que deixa de considerar como prioritária a destinação humana dos ganhos, prendendo-se, apenas, aos benefícios finais e ignorando os prejuízos advindos da modernização nos meios de produção. Em outras palavras, com os avanços crescem os que ficam à margem do trabalho e se divide, entre aqueles de uma minoria privilegiada, os aperfeiçoamentos obtidos. Eis o paradoxo em que se vive, na terminalidade de um milênio!

Manoel Correia de Andrade, quando trata da tão discutida mundialização da economia, lembra que isso trará mais concentração de renda, promovendo, então, uma agudização da riqueza e uma aceleração da pobreza, distanciando, ainda mais, os segmentos sociais. Distanciando, também, paradoxalmente, os países postos agora na posição de ricos, alguns e de empobrecidos e por isso mesmo prejudicados com os contrapontos da globalização, inúmeros. Assim, a comunhão entre os povos e os ganhos individuais, como aqueles a que se refere Raquel Maria Rigotto, segundo os quais o homem estaria emancipado do jugo do trabalho e disporia de mais tempo para o lazer e a preguiça, as artes e as vivências solidárias não passam de utopias da modernidade, nada mais. O que se tem observado, mesmo, no Brasil e noutros países da América Latina, nas atividades primárias e secundárias da economia, especialmente, é a pressa em se atualizar a maquinaria, com desemprego, senão crescente, pelo menos, mantido. Os trabalhadores estão sendo acolhidos, então, no nível terciário e mais fortemente na informalidade econômica, quando não desempregados inteiramente. Ao contrário, então, da pretensa solidariedade humana, com a desejada união dos povos, nesse processo de globalização crescem os excluídos, atores sociais caracterizados pela demissão sem a devida reinserção, jovens que não conseguem o primeiro emprego, mulheres mal remuneradas ou não remuneradas, crianças que trabalham e os famintos das grandes cidades, engrossando o caldo da marginalização social. Tudo, ainda, segundo Raquel Maria Rigotto, de quem se tem as conseqüências dessa exclusão, na elevação da desnutrição, no crescimento das doenças infecciosas e sobretudo na desagregação das famílias e no sofrimento

psíquico-social. Essa legião de desempregados, diante de um processo de mundialização que não se pode mais deter, vai aumentar também a violência urbana, comenta a autora, vai contribuir, sobremaneira, para o incremento do número de assaltos e de assassinatos, como formas modernas de se ter a tão pretendida distribuição da renda. Na ótica governamental, todavia, a implementação do Plano Real fez caírem os índices de pobreza no Brasil, de 1/3 para 1/4 da população ou de 33% para 25%, segundo o IPEA, em que pesem os reflexos para a classe média e para a burguesia.

Entre 1988 e 1995, perdeu-se no Brasil 2.000.000 de empregos. E essa gente assim, desligada da competitividade dos ganhos, integra os setores antes aludidos, vai para a rua, simplesmente, juntar-se aos excluídos, aos vendedores de balas, de sucos ou de toda sorte de miudezas ou limpar os vidros dos carros parados nos semáforos, quando não pedir esmolas, somente! São impressionantes os dados que apresenta Jan Bitoun, fazendo alusão ao PNAD de 1990, nos quais, acima de 40% dos domicílios incluídos na pesquisa, no Recife, estavam abaixo da linha de pobreza. Mas, é do mesmo autor a afirmativa de que " ... a pobreza e as contradições sociais do Recife são expressões locais do modelo de desenvolvimento nacional, muito mais que um problema meramente regional". Assusta, todavia, o comentário de Manoel Correia de Andrade, quando diz que a criação do Mercosul poderá vir a beneficiar as regiões próximas, mais que o Nordeste e o Norte do Brasil, provocando uma verdadeira esclerose econômica nessas áreas distantes. Uma globalização regional, como vem sendo dito, produzindo uma fragmentação e ocasionando desníveis. Mesmo os poucos que trabalham, no Nordeste e no Brasil como um todo, ganham, com muita freqüência, menos que um salário mínimo, razão para se situarem nos limites do pauperismo, nas proximidades também da miséria. Subsistem, apenas, nada mais que isso! De outra parte, a concentração do capital, mais e mais estimulada pelos sistemas econômicos, parece resultar da orientação neoliberal que tem influenciado as administrações públicas, promovendo a retração do estado e estimulando a iniciativa privada. Joaquim Correia de Andrade critica a postura, defendendo a desprivatização do estado, que sempre esteve a serviço das classes dominantes e não uma desestatização. O Brasil – o Nordeste do País em particular – entra nessa corrida da globalização, assistindo à mundialização da economia

e ao crescimento das idéias neoliberais, sem preparo, infelizmente! Aos miseráveis restará o desiderato de engrossar as fileiras da fome, do analfabetismo e da doença. E se não houver como deter a febre das distorções econômicas, muitos serão deslocados, de um a outro degrau da escala de valores sociais, caracterizando-se a endemicidade do pauperismo e a restrição da burguesia.

A propósito da globalização, ainda, é interessante atentar para os comentários de Luiz Felipe Alencastro, em artigo intitulado "Vacas Loucas, Coreanos e Democracia", no qual o ensaísta confirma, com os fatos que apresenta, a assertiva do filósofo Jürgen Habermas. Diz o ilustre pensador germânico:

> *O fim do Estado nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoletas as formas tradicionais do exercício da cidadania. Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais. Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício da cidadania, haverá uma regressão política no Ocidente.*

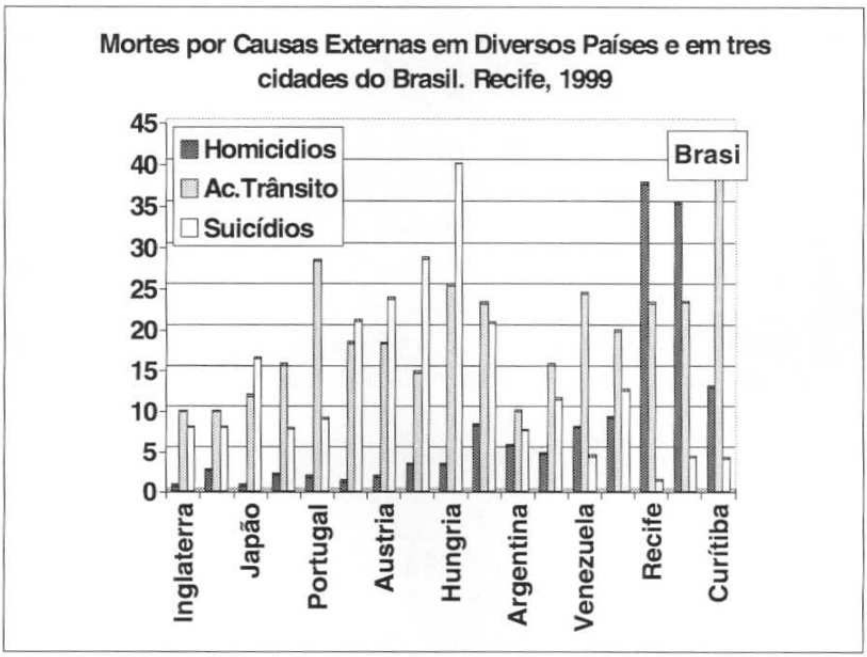
Alencastro mostra que estando a Europa em franco processo de mundialização da economia, uma comissão de inquérito do Parlamento Europeu, sediado em Bruxelas, sede também da União Européia, acusou a direção desta mesma União de ter privilegiado interesses econômicos, em detrimento da saúde pública. Firma-se no fato de que o governo britânico, desdenhando do perigo a que expunha os habitantes de outros países, continuou a exportar a farinha animal contaminada com a Doença da Vaca Louca, após 1988, quando proibiu o consumo na própria pecuária. Tudo isso, diante dos parlamentares e dos jornalistas europeus. Comenta o ensaísta, também, a questão surgida na Coréia do Sul, onde os operários passaram a protestar, em virtude da nova legislação, de restrição à atividade sindical e permissão ao patronato em rebaixar salários e demitir em massa. Isso levou a um movimento grevista de grandes proporções, atraindo as atenções de lideranças européias e americanas, que se deslocaram pra lá, com objetivos solidários. O governo interpretou a atitude como sendo "ingerência estrangeira" no país. O autor alude, então, ao descompasso entre o liberalismo econômico e o liberalismo político. Na visão do patronato e do governo sul-coreano, as indústrias e os

capitais nacionais devem ter total liberdade para introduzir-se em qualquer canto do planeta, a solidariedade sindical, todavia, deve ser barrada na fronteira. Assim, essa união das nações parece funcionar em termos de mercado, somente, sem outras extensões de caráter diverso. Isso deve servir ao Brasil e aos demais países do Mercosul, diz o autor, haja vista, especialmente, a tradição menos democrática, ainda, das nações americanas.

A Violência No Mundo Moderno

O traçado gráfico que se apresenta adiante, dando conta da problemática que se vem tratando – a violência – em diversos países do mundo, comparando-se, inclusive, com três cidades brasileiras, o Recife, São Paulo e Curitiba, parece ser bastante elucidativo. Em realidade, não se pode desconhecer que as "Causas Externas" sejam, significativamente, mais importantes no mundo moderno, pois que aparecem nas estatísticas de morte com representatividade, maior ou menor, em todas as nações inseridas na figura. Sucede, porém, que há diferenças significativas entre as ocorrências prevalentes. Os homicídios, que representam a forma humana mais forte de confronto, não superam os outros eventos em país algum, como acontece, preferentemente, no Brasil e está bem demonstrado nas cidades do Recife e de São Paulo. São os acidentes de trânsito, na maioria dos casos, que lideram os achados ou são os suicídios. É um perfil, parece, de lugares mais adiantados; perfil da violência centrada nas ruas e no tráfego ou perfil da agressão auto-inflingida, no caso dos suicídios. Os índices de mortalidade resultantes dos acidentes com veículos automotores, prevalentes, também, na cidade brasileira de Curitiba, prevalecem nos seguintes países: Itália, Portugal, França, Áustria, Finlândia, Hungria, Ucrânia e Venezuela. Mas, os suicídios assustam, verdadeiramente, na medida em que traduzem uma insatisfação com a vida e levam à crença, mais do que segura, de que as disfunções comportamentais estão na base desses atos de auto-agressão. Chama a atenção o fato de que em alguns lugares, considerados altamente desenvolvidos, como é o caso do Japão, a incidência de suicídios seja tão grande. É grande, também, na França, na Áustria, na Finlândia, na Hungria e na Ucrânia. É possível entender que os dados servem para mostrar que o crescimento econômico e o desenvolvimento social, abrindo perspectivas para o povo e especialmente elevando a qualidade de vida de toda gente, não parece ser tudo. Falta, como se vai insistir neste ensaio, o humanismo, que não tem acompanhado o

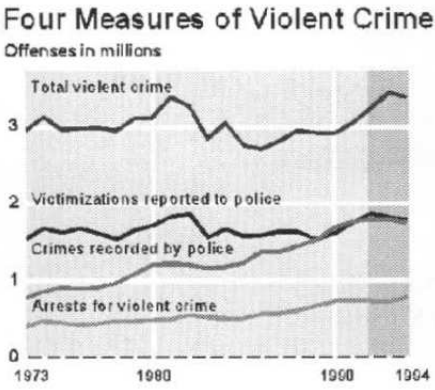
extraordinário avanço. No Brasil, todavia, o problema do suicídio não tem expressão maior nas estatísticas de mortalidade, mas terá certamente um dia quando for possível controlar as outras formas de agressividade humana. É preciso atentar, porém, para o que está em Meraldo Zisman, quando escreve sobre Violência – A Metamorfose do Medo, isto é, a informação de que no Estado de São Paulo, grande parte dos atos assim, de autodestruição, localiza-se nos grupos etários de 20 a 29 anos (27,5%) e dos 30 aos 39 anos (21,3%). São os adultos jovens, pois, os que se suicidam mais no Brasil, pelo menos em São Paulo!



A violência é um problema mundial, como está em documento da Organização Mundial de Saúde, representando, no momento atual, a mais grave questão de saúde pública. O Dr. Hiroshi Nakajima, Diretor-Geral do organismo internacional, durante a abertura do *World Summit On Social Development*, referiu-se ao fato de que em muitos países industrializados está aumentando a pobreza urbana e multiplicando a violência, o abuso de drogas e o risco do HIV/AIDS, particularmente nas populações jovens. De outra parte, porém, João

Yunes e Danuta Reis, estudando a incidência das chamadas "Causas Externas" no obituário das Américas, de 1979 a 1990, informam que em 9 países a tendência da mortalidade é decrescente em todos os grupos de idade: na Argentina, no Canadá, em Costa Rica, no Chile, nos Estados Unidos, no México, no Suriname, em Trinidad y Tobago e na Venezuela. No Uruguai os dados caem, no enfoque da população geral, segundo os mesmos autores e no Panamá e Porto Rico, no grupo etário dos 10 aos 24 anos. Só três países, enfatizam, apresentam nítido crescimento dos índices, em todos os grupos: o Brasil, a Colômbia e Cuba. Predominam nas estatísticas levantadas os acidentes de tráfego, mas os homicídios são, particularmente, alarmantes no Brasil, na Colômbia, no México, no Panamá, em Porto Rico e na Venezuela. Os autores, por fim, afirmam que das razões inseridas dentre as "Causas Externas", somente os acidentes de trânsito, efetivamente, declinam no continente, aumentando em alguns países os homicídios e os suicídios, a ponto de despertarem preocupações, sobretudo por afetarem adolescentes e jovens, de 15 a 19 anos. Vive-se, então, um novo perfil de mortalidade, acompanhando a pós-modernidade, seguindo, de perto, a mundialização da economia. As doenças infecciosas, que predominaram durante algum tempo nos obituários, conforme já se tratou neste ensaio, devidas à pobreza extrema passaram a significar menos, as doenças crônico-degenerativas, também, em que pese o incremento da expectativa de vida e agora, a violência, como as farmacodependências tomam a liderança, além das doenças ambientais, conforme defendem Aida Herrera da Silva e Eva Luz S. de Alvarado. Os traçados gráficos, adiante apresentados, mostram a questão da violência, dos homicídios, especificamente, nos Estados Unidos.

Chama a atenção, de logo, no primeiro dos traçados, o incremento que se verifica no total de crimes reportados, a partir de 1990, quando na década de oitenta os dados experimentaram uma queda. Sobem, da mesma forma, as vítimas de que a polícia toma conhecimento, como seria, mesmo, de se esperar e de igual maneira os casos – os crimes especificamente – registrados nas delegacias. Em conseqüência, elevam-se as prisões efetuadas, mas de forma diferente, em níveis bem menos significativos que aqueles observados para a criminalidade, traduzindo, certamente, a impunidade. No segundo gráfico, entretanto, salta aos olhos a predominância de vítimas





incluídas no grupo etário dos 18 aos 24 anos, com um crescimento verticalizado, quase, desde os meados dos anos oitenta e mais do que isso, a importância que passa a ter, também, o grupo precedente, dos 14 aos 17 anos, cujo traçado, da mesma maneira, se eleva em verticalidade assemelhada, ultrapassando, em 1990, os registros obtidos para os maiores de 25 anos de idade. Em *Report on Violence*, veiculado na Rede Internet, a propósito do livro *Social Causes of Violence: Crafting A Science Agenda*, editado por Felice Levine e Katherine Rosich, esses autores manifestam a preocupação com as conseqüências devastadoras da violência nos Estados Unidos. Afirmam que em nove de dez cidades com mais de 100.000 habitantes, há, sempre, problemas com quadrilhas e mais, que a criminalidade provocada por arma de fogo responde como segunda causa de morte, no grupo de idade dos 15 aos 19 anos, índice crescente, ultimamente. Além de tudo isso, independentemente, da raça, do sexo e da idade, a média de vítimas nas proximidades das cidades com alta densidade demográfica, é duas e três vezes maior. Em declaração prestada a 6 de março de 1996, sob o título *Violence: A Blind Alley*, o Dr Hiroshi Nakajina, ainda, Diretor-Geral da Organização Mundial de Saúde, afirma que entre meio milhão e três milhões de pessoas morrem, todos os anos, vítimas da violência, nas cidades ou nas áreas rurais, provocada por adolescentes ou por adultos. É inadmissível, insiste a autoridade internacional, que tudo isso aconteça, enquanto a saúde pública se desenvolve em diversos países e a expectativa de vida aumenta. Mais ainda, pela invalidez permanente que produz em

milhares de outras pessoas! Tudo isso levando a um custo anual da ordem de $500.000.000, reunindo as despesas com a assistência médica e a produtividade cessante.

O periódico *Morbity and Mortality Weekely Report (MMWR)*, editado pelo Center for Disease Control, de 14 de outubro de 1994, faz referência ao fato de que os dados da criminalidade nos Estados Unidos, entre 1985 e 1991, aumentaram em 25%, isto é, passaram de 8,4 para 10,5 por 100.000 habitantes. São índices, todavia, que não se aproximam daqueles registrados no Brasil, nos dois anos aqui referidos, quando os mesmos coeficientes são da ordem de 15,33 e 23,88, representando um crescimento de 64,19%, conforme é possível depreender em traçado gráfico mais adiante apresentado, no qual estão demonstrados os encontros nacionais. Ali, nos Estados Unidos, como está no documento aludido anteriormente, a elevação em causa se passou, preponderantemente, nas idades dos 15 aos 34 anos, atingindo, integralmente, os cinco intervalos etários contidos no grupo em foco. Em 1991, entretanto, quase a metade (13.122 - 49%) das vítimas da criminalidade americana (26.513) estava entre os 15 e os 34 anos e eram pessoas do sexo masculino. Ora, no Brasil, vale a pena aludir e consta do traçado já citado, no mesmo ano, foram registrados 30.750 homicídios, representando 15,98% a mais. Os demais grupos etários, de 1985 e 1991, nos Estados Unidos, ainda, mantiveram-se relativamente estáveis, conforme consta do informe aqui referido. Notou-se, entretanto, que no período do estudo - de 1985 a 1991 - a média de mortes por assassinato, entre homens de 15 e 19 anos, subiu em 154%, superando os encontros obtidos para os intervalos de 25 a 29 e de 30 a 34 anos, cujas taxas aumentaram em 32 e 16%, respectivamente. Entre os 20 e os 24 anos, a elevação foi de 76%, de 1985 a 1991. No estudo agora discutido, observou-se que o número de prisões de homicidas e de autores de mortes não voluntárias cresceu em 127% no grupo de homens de 15 a 19 anos, 43% no grupo masculino dos 20 aos 24 anos, tendo, todavia, declinado, em 1% e em 13%, entre homens de 25 e 29 e de 30 e 34, respectivamente. O número do informativo do Center for Disease Control and Prevention – *MMWR*–, de 6 de outubro de 1995, veicula dados mais do que relevantes obtidos na Colômbia, segundo os quais a média de homicídios em Cáli, no ano de 1994 representou cinco vezes mais o que foi visto para 1985, alcançando níveis de 100 por 100.00

habitantes. Em 1993, a concentração da criminalidade em Cáli, na Colômbia, estava entre os homens de 25 e 29 anos de idade, com 450 mortos por 100.000. Naquela cidade, também, o risco do homem morrer assassinado era dezesseis vezes maior que o da mulher, no ano de 1993, quando os índices masculinos chegaram a 209 por 100.000 e os femininos a 13 por 100.000.

Há certas e determinadas conclusões de natureza sociológica, dignas de comentários neste ensaio. Assim, no *MMWR*, de 14 de outubro de 1994, já referido e que analisa os dados registrados entre 1985 e 1991, nos Estados Unidos, alude-se ao fato de que não se tem, ainda, muito claras, as razões imediatas para a criminalidade, mas afirma que a elevação das taxas podem resultar do recrutamento de jovens por traficantes de drogas e o uso comum de armas de fogo por esses traficantes e a conseqüente difusão da utilização de revólveres por outros jovens da comunidade, resultando no uso, mais freqüente, também, desses armamentos e outros equipamentos assemelhados, nos conflitos e nas disputas. Nos jovens de 15 a 19 anos, 88% dos crimes tiveram armas de fogo envolvidas na causalidade e em 97% do incremento anotado entre 1985 e 1991. A publicação, porém, lista fatores que considera subjacentes e que estariam ligados aos homicídios, tais como a pobreza, as inadequadas oportunidades de educação e as de cunho econômico, a instabilidade social e familiar e a freqüente exposição à violência como um aceitável e preferido método de resolver desentendimentos. O documento, no entanto, reconhece que não estão determinadas as formas estratégicas efetivas para que se possa intervir na questão, isto é, com a violência urbana, mas se poderia estabelecer princípios de promoção da saúde e o uso de intervenções complementares, no sentido de se dispor de meios necessários à prevenção, dirigindo-se os objetivos de qualquer programa aos jovens, atingindo-se, ao mesmo tempo, àqueles que são, em tese, os algozes e as vítimas potenciais. Informes da Colômbia, por outro lado, mostram que os homicídios estão concentrados em áreas específicas da cidade de Cáli. Assim, mais que a metade das ocorrências são registradas na vizinhança de onde reside cerca de 37% da população. E mais, que as médias de homicídios são inversamente proporcionais à situação socioeconômica da vizinhança em que mora a vítima. Significa dizer que as concentrações urbanas mais precárias, menos aquinhoadas, são detentoras de índices maiores

de criminalidade. Naquela cidade, em Cáli, as mortes violentas acontecem nas proximidades do centro urbano ou em bairro de imigrantes, localizado no lado Leste da metrópole ou ainda no lado Oeste da urbe. Ali, ainda, em Cáli, não se consegue, praticamente, identificar os responsáveis pelas mortes e mais, responsabilizam-se pelos ataques os chamados "assassinos de aluguel" ou os integrantes de quadrilhas ou "gangs", sem desprezar as mortes decorrentes das ações perpetradas por familiares e pessoas próximas. A maior parte desses eventos colombianos resultam de assaltos (37%) ou de brigas, simplesmente (31%), sendo a rua como palco ou outros lugares públicos (94%), mas 6% das ocorrências reservam-se à moradia.

A Violência No Brasil

As aludidas "Causas Externas" representam hoje no Brasil o segundo ou o terceiro lugar no obituário, vindo abaixo das doenças cardiovasculares ou das neoplasias que, entretanto, em certas faixas etárias têm representatividade maior. Assim, entre os 5 e os 29 anos, significam a primeira causa de morte e no intervalo dos 15 aos 29 anos, representam 64% dos óbitos.A elevação dos índices de mortalidade, observada a partir de 1975, quando foram informatizados os dados nacionais, é crescente e especialmente preocupante, haja vista a quantidade de casos e especialmente a qualificação etária do contingente assim vitimado: os jovens. É altamente significativo o aumento dos homicídios masculinos, no campo e nas áreas urbanas, sendo, porém, de muita representatividade, também, a questão da morbidade, resultante da violência, haja vista que o impacto é de 200 a 400 vezes maior que aquele da mortalidade. Trata-se, sem dúvida alguma, de temática que exige, para uma abordagem integral, o concurso de investigadores de vários ramos dos saberes humanos, desde aqueles que se dedicam à Epidemiologia, propriamente, e estudam a distribuição dos eventos, aos ligados à causalidade social das ocorrências, vinculados, então, à Sociologia e à Antropologia, além dos vocacionados para a Medicina Legal e a outros, os da Economia e aqueles da Educação. O Núcleo de Saúde Pública, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde se desenvolve o *Projeto de Saúde Pública - A Experiência em Pernambuco*, resultante de convênio firmado com a agência japonesa de fomento, a JICA (Japanese

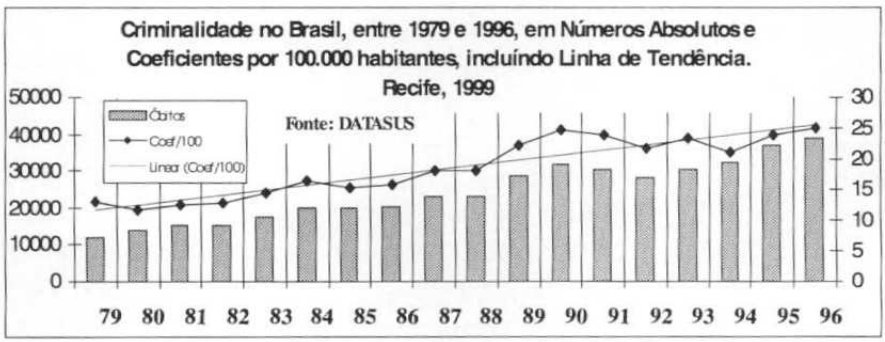
International Cooperation Agency) e a interveniência da Secretaria Estadual da Saúde, vem atentando para o fato, isto é, para a peculiaridade da multidisciplinaridade da questão. Assim sendo, antropólogos e sociólogos do Departamento de Ciências Sociais da UFPE, sob a coordenação do Prof. Parry Scott, trabalharam na área do Ibura, tomada como modelo para o Projeto e coube, particularmente, aos pesquisadores Sônia Maria Costa Barbosa, Cláudio Manuel Barbosa, Fernando Vinícius B. Santos e Suzana Maria Vieira, enfocarem a problemática *Violência e Sexualidade no Ibura*. O bairro em causa é dos mais conturbados da cidade do Recife e na coleta de dados qualitativos, os entrevistados manifestaram a apreensão em que vivem as pessoas, alegando a falta de segurança e a ameaça constante de invasão de domicílio, pela ação de galeras, bem como pela atuação ali de grupos de extermínio. Naquele bairro recifense, com 13 agressões masculinas para cada uma das mulheres, o que mais se comenta, dizem os autores, é a violência do cotidiano: "São as quebras de solidariedade que se dão em discussões e brigas e muitas vezes se dão em casa, especialmente sobre questões sexuais". Está muito presente, na fala dos homens, aludem os autores, o "revidar", para a "proteção" própria, insistem. Paradoxalmente, porém, embora os homens estejam mais envolvidos com a violência, são as mulheres que se sentem mais culpadas pelos atos de força, manifestando este comportamento em 57% dos casos.

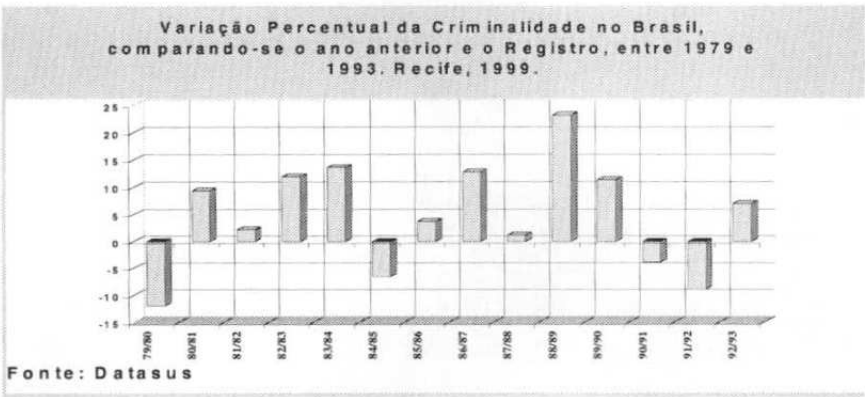
Conforme ficou explicitado nos comentários até aqui apresentados, as chamadas "Causas Externas" respondem como segunda ou terceira razão no obituário do País, mas nos grupos de idade infanto-juvenil, vem assumindo o primeiro lugar, significando 46,5% das mortes, dos 5 aos 14 anos e 64,6% entre os 15 e 29 anos. No ensaio de Alba Zaluar, Ceres Albuquerque e José Carvalho Noronha, todos do Instituto de Medicina Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no qual discutem a relação entre a miséria e a violência, de forma bem clara, há dados importantes sobre o Brasil. As mortes por "Causas Externas" atingem, preferentemente, os homens, numa proporção de 7 para 1, sendo que no Rio de Janeiro, em 1993, essa relação chegou a superar a casa dos 10 homens para uma mulher. Em termos de regiões do País, o Centro-Oeste esteve na liderança do obituário violento de 1981 a 1987, com taxas por 100.000 habitantes de 75 e 92,49, seguido pelo Sudeste, com 73,07 em 1981 e que assume

a dianteira em 1987, com um registro de 93,30 por cem mil habitantes, sempre. No Sul do Brasil o coeficiente de que se vem tratando era estacionário até 1985 (68,19), mas cresce, até atingir 72,99, em 1989. No Norte, também, os índices têm aumentado desde 1985 (46,85) chegando a 50,05, em 1989, mesmo que abaixo da média nacional: 57,51. No Nordeste, o registro aponta para 47,49 mortes por 100.000 habitantes, em 1989. Considerando-se, particularmente, os estados e as capitais, Roraima, Rio de Janeiro e Rondônia ocupam a liderança, com dados que ultrapassam 130 registros/100.000. A seguir, Mato Grosso, São Paulo, Mato Grosso do Sul, o Distrito Federal, Espírito Santo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Abaixo dos índices nacionais estão Santa Catarina, Alagoas, Paraná e Acre. Com índices menores, ainda, o Maranhão, o Piauí, o Ceará, o Rio Grande do Norte, o Pará, a Paraíba e a Bahia. Os mesmos autores dantes referidos, do Instituto de Medicina Social, aludem às elevações dos registros em todas as metrópoles do País, à exceção de Belo Horizonte, onde os acidentes de trânsito detinham a liderança nacional, mas os homicídios caíram. Em São Paulo, porém, durante a década de oitenta dobraram os assassinatos – de 24,64 para 44,30 –, como no Rio de Janeiro, de 45,14 para 93,24. Em Pernambuco, de 1990 a 1993, a taxa média foi de 30,09 por cem mil habitantes.

O item constante das estatísticas de mortalidade, intitulado "Homicídios e Lesões Intencionais Provocadas por Outras Pessoas", a criminalidade nacional é dos mais significativos dentre as chamadas "Causas Externas", haja vista a crescente elevação nos registros anuais e sobretudo preocupação dos pesquisadores e das organizações internacionais com o Brasil. O traçado gráfico apresentado sobre a questão, mostrando dados desde o ano de 1979 ao de 1996, parece ser bem elucidativo desse intervalo do estudo. Os coeficientes calculados para 100.000 habitantes sobem continuadamente, quase, no intervalo aludido, passando de 13,14 em 1979, para 24,96 em 1996. Se forem considerados os números brutos, os de 1979 e aqueles de 1996, significa dizer que no período considerado, a mortalidade resultante dos homicídios subiu no País 223,86%, isto é, dos 11.994 óbitos no primeiro ano da pesquisa, chegou-se aos 38.844 no último. O outro traçado, posto sob o primeiro, demonstra a variação percentual, ano a ano, no tempo da pesquisa e o que se nota, também, em que pesem agora as oscilações significativamente maiores é uma tendência

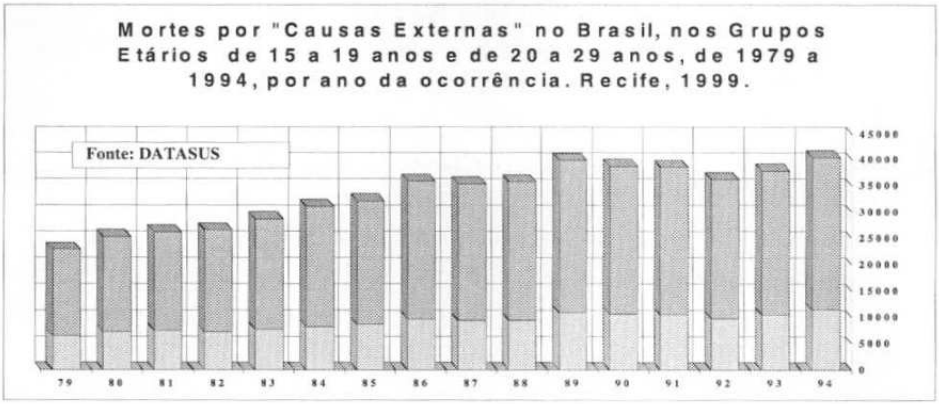
nítida ao crescimento das ocorrências violentas, a elevação dos índices de criminalidade. Mas, o que poderia justificar o aumento, ainda maior, de assassinatos ou de outras formas intencionais de dano à vida, entre 1988 e 1990? É difícil dissertar nesta perspectiva, buscar fatos sociais ou coletivos suficientemente capazes de explicarem o fenômeno! Sabe-se, entretanto, que no intervalo aludido houve um esforço das autoridades sanitárias em aprimorar a informação, como seja, em dispor nas estatísticas de mortalidade de dados ainda mais fidedignos, haja vista a freqüência com que o diagnóstico dos óbitos não eram inteiramente esclarecedores. A verdade, no entanto, é a de que os números obtidos para contabilizarem a violência urbana no Brasil, particularmente, a criminalidade, são compatíveis com aqueles vistos em conflitos internacionais, nas beligerâncias entre países, nas guerras, simplesmente.





Mas, como se vem discutindo neste ensaio, o maior tributo no tocante às mortes violentas tem sido pago pelos jovens, a gente dos 15 aos 29 anos, especialmente. Assim, vale a pena estudar a peculiaridade em foco. Pode-se observar, claramente, em gráfico obtido a partir dos dados disponibilizados pelo SUS, adiante apresentado, o quanto representam os grupos de idade ora enfocados, na mortalidade por "Causas Externas", principalmente aquele que reúne a juventude mais velha, dos 20 aos 29 anos. Dados que são ascendentes, dando a nítida impressão de uma tendência à elevação, seja no período considerado, mas sobretudo nos anos que estão por vir, razão para se ter a preocupação presente com a prevenção desse problema de saúde pública no País. Os números podem ser classificados pelos estados brasileiros, com a finalidade de se ter uma idéia dessa distribuição urbana. O gráfico, também, adiante apresentado, mostra os dez estados brasileiros com os maiores índices de óbitos causados por "Causas Externas", considerando-se o sexo e o período de 1990 a 1993, no grupo etário de 15 aos 29 anos. Nota-se uma grande predominância das ocorrências no Rio de Janeiro, em relação às demais unidades da Federação. Em seguida, estão São Paulo, Brasília e Pernambuco e daí por diante, Rondônia, Roraima e Mato Grosso do Sul, bem como Espírito Santo, Amapá e Acre. No que concerne à distribuição por sexo, há uma significativa predominância dos homens em relação às mulheres, todavia, o Distrito Federal, Rondônia e Roraima têm dados femininos maiores que aqueles vistos nas demais cidades. São áreas de migração recente, especialmente as duas últimas. Os traçados expostos a seguir, mostram, então, como já explicitado, o obituário nos grupos etários de 15 aos 19 e dos 20 aos 29 anos, além do que se passa no intervalo de idade ora motivo de estudos – dos 15 aos 29 anos – em dez diferentes estados do Brasil, apontando-se, também, a relação observada entre os sexos nessa mortalidade específica.

Com o cálculo que se possa fazer da relação entre os homens vitimados e as mulheres, também, mortas, conforme está em traçado anterior, há de se ter que o Rio de Janeiro sustenta a maior predominância de homens – 10 para 1 –, seguido pelo Acre (8,19) e por Pernambuco, onde são mortas 8,06 pessoas do sexo masculino para cada uma do outro sexo. Essa predominância masculina nas estatísticas de mortes violentas é vista no mundo inteiro e tem sido



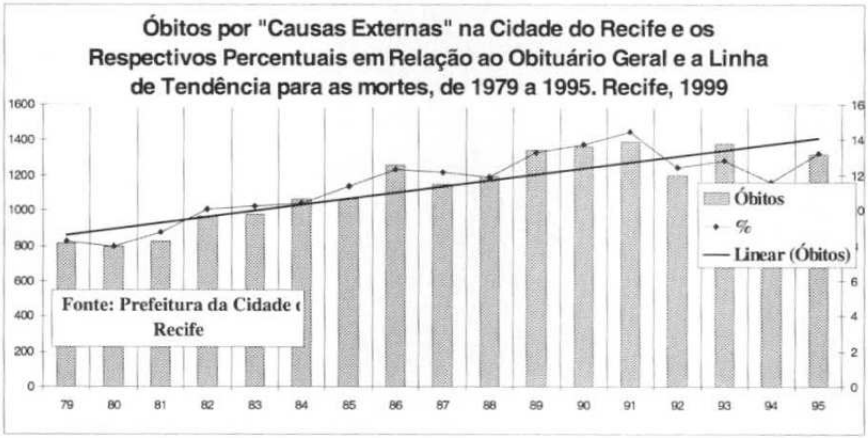


aludida aqui, neste ensaio, resultando de uma exposição maior do homem ao risco. Exposição que se dá, não somente pelo natural da vida, considerando-se a atividade fora de casa como uma rotina, mas, sobretudo, pelos convívios da figura masculina, em bares, por exemplo, nos quais a bebida alcoólica inebria e especialmente embriaga o usuário, tornando-o mais vulnerável aos desentendimentos e atitudes, sejam as alheias ou as próprias. Assusta, entretanto, encontrar registros como aqueles de Roraima (4,44) e de Rondônia (5,16), que aproximam muito a mortalidade entre os sexos, atestando uma situação de maior instabilidade, ainda, no equilíbrio social das comunidades. Já foi comentada a peculiaridade de ambos os estados do Brasil em termos migratórios e de ocupação do espaço urbano, mas o encontro é digno de um aprofundamento, contanto que se possa ter disponíveis as medidas de reparo desse dano à vida. Assusta, mais ainda, conhecer a

informação veiculada por Sônia Barbosa, Cláudio Barbosa, Fernando Vinícius Santos e Russel Scott, em *Violência e Sexualidade no Ibura*, a de que dos homicídios dolosos acontecidos no Rio de Janeiro, entre 1991 e 1993, apenas 8% chegaram a gerar inquéritos e foram transformados em processos judiciais. Essa impunidade não se restringe ao Estado que já foi a Capital Federal, mas se espalha por todo o Brasil, tornando o delito um ato que de fato pode resultar, somente, na morte da vítima e nada mais! E se o agente for primário conta com a proteção da lei, passa a responder, pelo geral, em liberdade, o que, em tese, dá o direito a cada cidadão brasileiro de matar uma outra pessoa. Russel Scott, entretanto, no capítulo "O Bairro do Ibura: Retratando a sua História Social e as suas Condições de Saúde", mostra que ali a mortalidade por "Causas Externas" seleciona os homens, isto é, há 20 vítimas masculinas para cada uma das femininas, chega a afirmar. Em contrapartida, o autor informa que na delegacia do bairro foi possível encontrar, todavia, um grande número de relatos ligados à violência contra a mulher, predominantemente praticada pelos parceiros e freqüentemente ligada à questão sexual. Scott, então, propõe seja o problema tratado de forma diversificada. Em realidade, estuda-se mais a mortalidade e menos a morbidade!

A cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil, está dentre as metrópoles que apresentam índices de violência preocupantes, haja vista os registros elevados, sempre! Conforme dados obtidos junto à Prefeitura, especificamente à Secretaria Municipal de Saúde, no Departamento de Informação e Análise, as aqui já tão discutidas "Causas Externas" representam a segunda razão de morte no obituário urbano, superadas, apenas, pelas Doenças do Aparelho Circulatório, mas ultrapassando o número de óbitos por Neoplasias. Em 1995 morreram assim 1315 pessoas na cidade, representando 13,21% de todas as mortes, enquanto no ano de 1979, os dados são, respectivamente, 813 e 8,26%. Ora, o aumento anotado, tomados os números absolutos, é da ordem de 61,82% no período, isto é, de 1979 a 1995, dezessete anos, somente, de evolução do perfil de mortalidade no Recife, guardada, inclusive, uma certa constância no tocante ao total de óbitos por ano do estudo, acima, sempre, de 9400 registros e abaixo, sempre, também, de 10800. O traçado que se apresenta sobre a questão – a do enfoque do Recife –, mostra uma tendência inicial para a ascensão, de 1979 a 1986 e a partir daí, uma

fase posterior com maior oscilação, na qual há um novo pico em 1991 e nova oscilação até o último ano do estudo. Os declínios observados no gráfico têm sido efêmeros, parece, na medida em que logo depois verifica-se o contrário, a ascensão dos registros. Isso leva a crer numa tendência ao crescimento dos dados tradutores das mortes por atos violentos na cidade do Recife, doravante.



Comentários

O capítulo introdutório deste ensaio mostrou que o mundo experimentou, nos últimos vinte ou trinta anos, se muito, como está, aliás, literalmente, escrito, um desenvolvimento vertiginoso, além de grandes mudanças de natureza econômica e de cunho social. Foram tantas as transformações, que não se pode mais estabelecer similitudes entre a vida de hoje e aquela dos anos setenta ou da década de sessenta. Tudo está mudado, afinal! A leitura, ainda, da Introdução, leva claramente à conclusão de que tudo isso, os avanços tecnológicos e científicos, assim como a grande metamorfose nas relações econômicas entre os povos e nas vivências individuais ou coletivas, não se fez acompanhar pela valorização do simplesmente humano. Basta consultar os comentários feitos por Alencastro sobre a Doença da Vaca Louca e aqueles a propósito do movimento trabalhista na Coréia do Sul, para entender o quanto valem as transações comerciais e a manutenção do lucro, mesmo que para isso haja um preço a ser pago pela criatura humana. E, de mais a mais, as considerações do autor pernambucano

Manoel Correia de Andrade, quando trata da globalização e acena com o risco de aumento nos níveis da pobreza ou da miséria e de uma concentração, ainda maior, da renda. Dessa forma, continua-se a premiar um segmento pequeno da sociedade, a burguesia, em detrimento do proletariado e sobretudo dos miseráveis, postos abaixo da chamada linha de pobreza, continuando-se a política colonialista de atender à casa-grande enquanto se castiga a senzala. Colocação mais importante, do mesmo autor, é a de que a globalização e a conseqüente reunião de países em organizações internacionais, cuja finalidade maior é a de estimular o intercâmbio comercial, resultará, no Brasil, especificamente, em benefícios claros para os estados do Sul e do Sudeste e menos para as unidades federadas do Norte e do Nordeste. Regiões como estas – o Norte e o Nordeste –, marginalizadas no processo de trocas e de redução nas cargas tributárias, hão de continuar no atraso que hoje apresentam em relação aos recantos mais desenvolvidos do País.

Há uma crise do humano, parece, acompanhando toda essa revolução vivida pelo mundo! Nilo Pereira, em seu livro *Reflexões sobre um Fim de Século*, acredita nisso, num verdadeiro isolamento com o qual convive, agora, a criatura. Diz o pensador:

> *Somos uns seres amargurados. Todo o poder de mágica da comunicação nos deixa estranhamente solitários. Não sabemos quem está ao nosso lado. Sabemos, sim, o que vai se passando no mundo todo no mesmo instante em que os fatos acontecem. Isso deslumbra. Mas, infelizmente, não humaniza. Vemos a tragédia humana como se fosse um filme de cinema. Passado o filme, passou também a nossa emoção.*

E vai mais longe o autor, quando afirma: "...Pois tudo é tão rápido que o homem – sem se aperceber – vai escrevendo na sua solidão o seu próprio Apocalipse." Nilo Pereira considera o século XX como o mais trágico de todos os séculos, um século ferido pela mais cruel violência e chama a atenção para o grande mal dos tempos modernos, o alheamento do outro; do outro que é tão importante, insiste o pensador. Por fim, vale a pena aludir ao fato de que o autor aqui objeto de comentários – Nilo Pereira – refere-se ao banditismo que

existiu no Nordeste do Brasil, o cangaceirismo e que desapareceu quando a civilização penetrou nos sertões, comenta, assumindo, assim, uma vertente cultural. Indaga, então, como extinguir o terrorismo nesta perspectiva do apenas cultural? O psicanalista e professor Jurandir Freire Costa parece concordar com o escritor de que se vem tratando, mesmo tendo direcionamento ideológico, certamente, diferente. No artigo que escreveu sob o título "A Devoração da Esperança no Próximo", veiculado no jornal *Folha de S. Paulo*, toma como núcleo da questão, exatamente, isso, o desinvestimento cultural na idéia do próximo! O semelhante, cuja conotação de proximidade nasceu com o cristianismo, tomou força com o Renascimento e mais ainda, com as revoluções francesa e americana, consolidando-se nos projetos liberal-democrático e socialista dos séculos XIX e XX. De hora para outra, afirma Jurandir Freire, o outro tornou-se um estorvo, um inferno verdadeiramente e o individualismo vem ganhando terreno, mais e mais, com a indiferença e os elos afetivos da intimidade sofrendo a ruptura do medo e da reticência. A humanidade, pois, está despreparada para gostar de gente, simplesmente, como diz o psicanalista, desaprendeu a prática do afeto, é possível complementar. As elites, de outra parte, que nunca se dispuseram ao combate, sistemático e causal da violência, desistiram agora por completo! Não há mais por que lutar, pois!

Sobre a violência urbana no Brasil, aliás, o jornal *Folha de S. Paulo* dedicou grande parte de um Caderno, o "Mais", em 22 de setembro de 1996, abordando a temática sob diversos prismas, na vertente epidemiológica, especialmente. Defendendo métodos assim, dedicados dantes ao estudo das doenças infecciosas e mais recentemente às afecções degenerativas, o diário mostra que o problema é de cunho mórbido, mesmo. O jornalista José Rodrigues de Toledo, em reportagem intitulada "Violência", apenas, faz ampla análise epidemiológica. Mostra que cerca de 35% dos assassinatos registrados nos distritos mais belicosos de São Paulo, assumem peculiar condição, pois que acontecem coincidindo com a ingestão de bebidas alcoólicas, sendo que em 20% dos casos a agressão se passa no ambiente dos bares. Alude o jornalista referido: "A maioria dos assassinatos ocorre durante o fim-de-semana e na periferia da cidade. Não por acaso, são distritos onde não há nenhuma opção de lazer como cinemas, teatros e parques. Só bares". As vítimas, em maioria –

está no mesmo relato –, são pessoas com menos de 24 anos. Gilberto Dimenstein, também, analisa o impasse de forma a mais detalhada possível, fazendo diversas citações. Sobre São Paulo socorre-se de João Yunes, que foi Secretário de Saúde da cidade, em cuja gestão constatou que a violência era a primeira causa de morte entre os jovens. É de Yunes e de Rodrigo Guerreiro, médico colombiano, especializado em Harvard, onde estudou Epidemiologia e Prefeito de Cáli, a afirmativa de que a violência urbana deve ser encarada como doença, razão até para um seminário que promoveram, com o auxílio de várias organizações internacionais, sobre a epidemia de homicídios nas Américas. O que há de mais importante na matéria de Dimenstein é a informação, bem fundamentada, inclusive, de que a miséria não produz, necessariamente, a violência, derrubando-se, assim, um mito, comenta. Faz alusão, então, a um brasileiro, radicado nos Estados Unidos, diretor da Faculdade de Economia da Universidade de Chicago, o Prof. José Alexandre Sheikmann. É de Sheikmann a dedução de que um determinado nível de pobreza não corresponde a um determinado nível de agressão, após uma investigação de caráter epidemiológico nos registros de homicídios de inúmeras cidades americanas. O autor atribui, como razões de causalidade, vários fatores, os quais contribuem com diferentes pesos, também, a depender dos lugares pesquisados. Fatores intervenientes, como razões causais da agressividade humana, mas também, freqüentemente, registrados entre os pobres.

O autor brasileiro dantes citado – João Alexandre Sheikmann – encontrou uma relação entre os criminosos e as suas origens familiares, detectando serem filhos de mães solteiras ou abandonadas pelos maridos e, mais do que isso, afirma tratar-se de degeneração que prospera na marginalidade, provocada pelo desemprego, pela desestrutura familiar, a pobreza, as drogas, o álcool e a impunidade. Seguindo os dados que obteve, Sheikmann comenta que os números da violência acompanham aqueles do desemprego e coincidem com uma sensação de desesperança, falta de perspectiva e destruição da família, como a decadência das escolas. Mesmo não sendo a miséria uma condição relevante para o desencadeamento das agressões e dos homicídios ou outras formas de injúrias físicas, como afirmam diversos autores, nota-se que nas áreas pobres os índices criminais são maiores, sempre, como, aliás, defende Paulo Sérgio Pinheiro, em "As Relações Criminosas", na *Folha de S. Paulo*, também.

> *Nunca os pobres e as elites estiveram nas cidades tão separados, como se fossem água e óleo. Os bairros populares são o espaço da violência: há uma coincidência entre os lugares onde os pobres vivem e a morte por causas violentas. Não estamos diante de uma guerra de despossuidos contra proprietários,*

é o que diz Pinheiro, comentando essa paridade entre pobreza e agressividade. Pode-se acrescentar que, na realidade, nos aglomerados urbanos subnormais coexistem os fatores todos inseridos nas pesquisas de Sheikmann como razões de causalidade. É indiscutível isso! O desemprego campeia, a desestruturação familiar está presente, o consumo de álcool é elevado, assim como o de outras drogas e há desilusão por todo canto, com tudo e com todos. O professor mostra que a situação agravou-se nas duas últimas décadas, como resultado das políticas econômicas mal conduzidas ou destinadas a concentrarem, mais e mais, a renda e a produzirem mais e mais, pobreza e miséria, exclusão social, afinal. Na Grande São Paulo, particularmente, comenta Pinheiro, a criminalidade dobrou em dez anos, crescendo de 3696 para 7358 em 1995, porém de janeiro a junho de 1996 foram registrados 4060 homicídios! Morrem assim, por assassinato, os jovens, em maioria, dos 15 aos 24 anos, com índices em São Paulo de 102 registros por 100.000 habitantes na mesma faixa de idade, mas nas áreas pobres os dados são diferentes, chegam a 222 homicídios por cem mil. E se os homicídios atingem os pobres, comumente, os latrocínios chegam, mais freqüentemente, aos remediados, àqueles de classe média.

Pinheiro considera que a questão está muito ligada às classes, propriamente, isto é, os ricos atribuem aos empobrecidos as razões da violência e trabalham no sentido de trancafiar a gente simples. A polícia, de outra parte, protege os abastados e despreza os bairros da periferia. Assim, a sociedade reforça o problema e nutre o ciclo vicioso da violência. É do mesmo autor, de Paulo Sérgio Pinheiro, o comentário lúcido de que as ilicitudes todas praticadas pelas elites continuam intocadas e somente agora, faz alusão no Governo de Fernando Henrique Cardoso, estão sendo tomadas medidas mais consistentes. Realmente, como está em Pinheiro, também, as falcatruas financeiras, a corrução, a fraude fiscal, o trabalho escravo e infantil, a prostituição

infantil e os assassinatos no trânsito permanecem impunes, sempre. Defende o articulista que para se caminhar no sentido da solução do problema, somente através da extensão da cidadania a todos, especialmente aos jovens, poderá levar à prevenção do crime e da criminalidade. Sobre o problema da cidadania, já abordado, aliás, neste ensaio, vale a pena dizer que, em verdade, o segmento social menos favorecido economicamente não é cidadão e mais do que isso, não parece ter condições, ainda, de assumir a condição peculiar ao ser humano, qualquer que seja. Os pobres estão afastados dos direitos sociais, não podem estudar, primeiro porque não há escolas em número suficiente e em segundo lugar pela precisão do trabalho precoce, não têm direito à saúde e dependem do atendimento estatal, no qual são tratados quase que por favor e obséquio. Do mesmo jeito, submetem-se à precariedade e a um salário mínimo indigno, incapaz de garantir a dignidade humana. Assim, não podem dispor de moradia que seja de boa salubridade, nem de água potável e de esgotamento sanitário. São os excluídos sociais, atores das cenas perdidas na imensidão do descaso! Há, no entanto, um certo conformismo dos aludidos excluídos sociais, os quais se comportam, muitas vezes, como resultantes dos desígnios de Deus, daí a necessidade, mais do que premente de se inserir na educação do jovem a discussão sistemática em torno da temática, a fim de se redirecionar o comportamento. Mas, interessante, da mesma forma, no Caderno "Mais" da *Folha de S. Paulo*, de que se vem tratando, é o tópico referente à questão rural, tomada agora como base, também, para o problema da segurança e da violência.

O Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusCon-SP) responde pela matéria, pelo artigo, particularmente. Ali está escrito que o *Atlas Fundiário Brasileiro*, recentemente publicado, dando conta das estatísticas no campo, mostra que mais da metade das terras nacionais está nas mãos de 2% dos proprietários e que 62,4% dos espaços cultiváveis são improdutivos, atualmente. O SindusCon-SP chama a atenção para o fato de que a construção civil não atende mais aos migrantes, fugidos da área rural, tangidos, tantas vezes, pela fome e pela miséria, por falta de vagas, já que embora dispusesse de um milhão e cento e trinta mil pessoas empregadas em 1980, esse número hoje não ultrapassa os 537.232 trabalhadores. Assim, as correntes migratórias estão tomando direção completamente diferente, deixando as metrópoles, para se fixarem nas

cidades menores ou criando as chamadas "periferias sem cidades", como classifica o sociólogo Ignacy Sachs, que desenvolve suas pesquisas na Sorbonne. São aglomerados perdidos, sem relações maiores com os municípios, sem condições mínimas, que sejam, para a sobrevivência humana. Com todas essas distorções, com a terra mal distribuída e a migração motivando assentamentos anormais, proliferam, como está no artigo, os movimentos todos de revolta e de soluções pela força dessas injunções sociais. Seria o caso, diz a matéria, dos "Sem Terra" conseguirem estabelecer a reforma agrária. Realmente, muito do que se passa no chamado espaço urbano vai buscar motivos nas desordens de ocupação na área rural. No Nordeste do Brasil, particularmente, isso tem valia, na medida em que grandes faixas de terra estão plantadas com a cana-de-açúcar, cuja monocultura, decadente, já, como antecipou Josué de Castro, em *Geografia da Fome*, vem servindo, há cinco séculos, quase, para sustentar a casa-grande e maltratar a senzala. Há muito que se sabe, por exemplo, que os migrantes do Recife, vieram, em maioria, da Zona da Mata de Pernambuco, onde estão os engenhos de açúcar e onde se fabrica, também, o álcool e a aguardente. Ora, Mário Lacerda de Melo, no ensaio intitulado *Migrações para o Recife I - Estudos Geográficos*, demonstrava isso, o fato de que grande parte da população da cidade estava constituída por migrantes, representando 42%, dos quais, mais da metade – 62% – provinha da Zona da Mata; migrantes que chegavam ao Recife para morar em mocambos, desempregados ou subempregados, sempre. Essa gente migrante, desalojada de suas origens, desaculturada e desempregada, responde hoje, na qualidade de pais e de avós e até bisavós, pelos marginais sociais das ruas, pelos jovens desencaminhados e pelos desiludidos todos, com a vida e o viver!

Há de se reconhecer, então, depois da análise aqui apresentada, de dados epidemiológicos, tradutores da incidência e da prevalência dos atos de violência, da mortalidade por "Causas Externas" e das considerações introdutórias e sobretudo aquelas da finalização, integrantes deste capítulo, o dos Comentários, que a questão comporta uma causalidade ampla, na qual estão fatores de natureza social e interveniências pessoais. Não se pode negar que o processo de colonização brasileira, por exemplo, como, de resto, igual processo desenvolvido nas outras nações da América Latina, excludentes, no

tocante aos menos aquinhoados, privando-lhes da cidadania e condenando-lhes à pobreza endêmica e à miséria epidêmica, tenha deixado de influenciar, decisivamente, nos destinos do País. Foi essa sistemática que iniciou o fenômeno de concentração da renda, premiando a poucos, desde o começo e punindo a muitos! Assim, uma casta privilegiada dominava e domina a massa inferiorizada, impedindo o exercício e a prática da cidadania, conduzindo o povo, no pauperismo de sempre, para onde bem apontavam e apontam os ventos do lucro. Gente que habitava e ainda habita moradias insalubres, incompatíveis com a dignidade humana, que não dispõe de escolaridade suficiente para questionar as coisas, sem acesso à saúde e submetida ao subemprego, a salários aviltantes, insuficientes para o pão, sequer. Gente incapaz, então, de reclamar os direitos, mínimos que sejam, ameaçada, constantemente, pelo poderio dos patrões, de perdas ainda maiores, na vida que levava e que leva. Pessoas assim, verdadeiramente, tangidas dos espaços rurais e que nas grandes cidades juntaram-se a outros, da mesma maneira, marginais, jogados nas periferias, nos alagados e nos morros, morando em palafitas ou em favelas, trazendo ao mundo crianças marcadas, já, pelo horror da miséria, pela falta de tudo. Adultos que se desajustaram com o deslocamento para os ambientes urbanos e com as decepções surgidas, incapazes – completamente incapazes – de se aculturarem às novas situações, deslocados, pois, para os segmentos informais da economia ou lançados ao furto e ao roubo, como formas, ilícitas, mesmo que compreensíveis, de buscarem o sustento, de sanarem a fome dos filhos e da mulher. Casais levados ao desajuste, rompidos, naturalmente, no fogo cruzado das privações, do nada ocupando o tudo da vida. Esposas que assumiram e assumem a família inteira, fazendo, ao mesmo tempo, o papel de pai e de mãe, na ausência, sobretudo controladora e determinante dos limites, da figura masculina. Crianças criadas dessa forma, sem o pai, sem a escola e a saúde, sem o alimento, que da mesa preenche os claros do estômago! Largadas na rua, ao sabor do mundo e das injunções sociais!

Há, pois, uma geração diferente, cujas características familiares são diversas e cujos valores, conseqüentemente, são outros! A pobreza, na verdade, não traz a violência como resultado, necessariamente, isto é, a falta de recursos materiais, da moeda, que é vil, sempre, não é a razão causal da criminalidade, da agressividade

que existe hoje em dia no seio da sociedade. Há, inquestionavelmente, uma pobreza vivida com dignidade, sem as interveniências da brutalidade, que reina, na atualidade, nas comunidades todas! O que sucede é a coincidência dos fatores causais, apontados neste ensaio, com a indignidade da vida nas restrições do pauperismo. Constelações familiares, como aquelas do Ibura, no Recife, dantes já citadas, nas quais as mulheres estão assumindo, mais e mais, as obrigações, financeiras e morais, de "cabeça do casal", no qual a parceria do marido com a esposa nem sempre existe mais ou está substituída por outro homem, quando não representada pela ação solitária da mãe. Mãe ocupada, quase sempre, com o exercício de ganhar dinheiro, de trabalhar e ter salário e assim sustentar, sozinha, a prole, sem tempo, que seja, para a educação dos filhos, para o seguimento devido do crescer e do desenvolver. Meninos e meninas que ignoram os limites, os deveres e os direitos, soltos nas ruas e seduzidos pelos vícios da modernidade, pela cola que inebria e pelo álcool, que vai promovendo a fuga de todas as realidades, nuas e cruas. Adolescentes, depois, descomprometidos, sem escolaridade, ligados aos valores do mundo, voltados para o efêmero, vinculados às fantasias do imediato, aos sonhos inatingíveis do poder. Jovens que se arriscam para a obtenção dos recursos necessários à manutenção desses devaneios impossíveis, revoltados, agora, com a distância social, com a riqueza alheia e a pobreza pessoal, dispostos, então, a uma nova distribuição da renda assim imposta, pelo gatilho do revólver ou pela lâmina afiada da faca. Delinqüentes, na visão psicanalítica da ausência do superego, de que falou Freud, desprovidos da censura e por isso mesmo, matadores contumazes, assassinos, sem remorsos, dos atos e dos fatos, facilmente envolvidos com a ilicitude e o delito, contanto que assegurem o ganho necessário à vida que levam, encorajados pela maconha ou pela cocaína e desinibidos pelos efeitos do álcool. Adultos, em seguida, que perderam o afeto ou que nunca conseguiram vivenciar os sentimentos do amor e o ensaio dos afagos, vazios de qualquer manifestação d'alma, pobres, também, de espírito! São esses os que matam e os que morrem, sobretudo os jovens do sexo masculino, que preenchem as estatísticas das "Causas Externas" e enchem os presídios, ébrios, muitas vezes, com as doses seguidas das bebidas alcoólicas.

Mas, no Brasil, particularmente, vem se observando que há

um deslocamento, já, da criminalidade, de uma a outra classe, dos pobres para aqueles de nível social médio. O acontecimento, do domínio público, do assassinato de um índio em Brasília, queimado enquanto dormia, envolto num cobertor, em plena praça pública, após ter sido embebido, verdadeiramente, em álcool combustível, traduz bem isso, a transferência social dos atores dessa prática da violência desmedida. Os algozes do gentio eram filhos de gente da classe média, de um magistrado, inclusive, que se justificaram com a evasiva de que imaginavam tratar-se de um mendigo. Por outro lado, os noticiários estão cheios de ocorrências assemelhadas, de jovens que chegam, inclusive, a assassinarem os pais ou os parentes mais afastados, após discussões em torno da necessidade de recursos para financiarem o vício ou por razões assim, de menor valia. Da mesma forma, os desentendimentos povoam as noites nas grandes cidades, os bares e os restaurantes, as casas noturnas, sobretudo, gerando confrontos, resultando em agressões, quando não em crimes, propriamente. Na realidade, pelo geral, nota-se que os hábitos e os costumes, como as formas de convivência, passam do segmento mais superior ao menos aquinhoado e até com a moda, feminina ou masculina, sucede isso, essa seqüência de adoção. No caso em particular não, a participação do nível social médio é mais recente. Há de se dizer, porém, que desde a década de setenta, no Brasil, pelo menos, a desagregação da família nessa fração da sociedade tem sido crescente, trazendo, mais e mais, a substituição da figura paterna ou a ausência completa do parceiro masculino, o que, naturalmente, resulta na fragilidade da prole, em relação aos limites a serem impostos, necessariamente e à censura emergente na consciência de cada um. O desemprego, também, vem se fazendo seguir de muita insegurança, como tem sido o motivo principal para a queda no "status" de vida experimentado pelos pais e conseqüentemente pelos filhos. Os jovens de hoje, ainda mais, quando dispostos ao enfrentamento do mercado de trabalho, ao contrário daqueles de há vinte anos atrás, não conseguem se inserir, devidamente e permanecem, por anos a fio, sob a dependência paterna ou materna, vivendo a desilusão dos inícios. Muitos se antecipam e sem contraírem núpcias, propriamente, tornam-se pais e mães, acrescentando, à família original, mais um membro, em tudo, inesperado e não inteiramente desejado. São duas gerações, pois, diferentes e que divergem, também, das anteriores, com características peculiares, suficientemente capazes de responder pelas disfunções psicológicas do presente e do futuro.

O desprezo, todavia, de que se tratou, pelo semelhante, cuja figuração na cosmovisão individual mudou completamente, assumindo o papel, agora, do entrave e do inferno, como alude Jurandir Freire Costa, parece estar no alicerce deste edifício mórbido da violência. Exemplo, mais do que ilustrativo, está na justificativa dos assassinos de Brasília, matadores do índio, os quais julgavam, como disseram em depoimento à polícia, tratar-se de um mendigo, que na concepção dos mesmos, entende-se, não seria gente ou não teria as características humanas da criatura! O mundo, em realidade, materializou-se, o consumismo assumiu as prioridades todas de vida e da vida, tornando os sentimentos da espiritualidade humana secundários, sempre. Assim, a idéia da divindade, presente em todas as formas de civilização e existente, inclusive, dentre os povos primitivos, os quais adoravam o sol, a lua e as estrelas, além de crerem, firmemente, nos espíritos do bem e do mal, vai tomando conotação diferente, reconhecendo como realização do homem, apenas, aquelas de natureza mundana, mesmo. Quando Nilo Pereira fala da ausência de Deus e da deificação da criatura, está, na verdade, antecipando os dias que correm, nos quais até os cultos, praticados pelas novas seitas, são voltados para o sucesso material e a riqueza pessoal. Há igrejas, agora, cuja pregação, de regra, não contempla mais a perenidade do eterno e não acena com a perspectiva da outra dimensão, mas enfatiza todas as maneiras do crescimento individual, do lucro mais e mais amealhado. Essa distância que se estabelece, então, entre o ser humano e a divindade, materializando a existência, traz a morte como finitude da vida, animalizando, pois, o homem, cuja sobrevivência precisa ser garantida a todo custo e nas melhores condições possíveis, de disponibilidade financeira e de consumo! É preciso, assim, brigar, como fazem os bichos, lutar pelo alimento e pela fêmea, assegurar o espaço e garantir a integridade dos filhotes, numa floresta da desordem e da disputa. É necessário, também, manter o abrigo da noite, o recolhimento no qual se acomodam os integrantes todos da constelação familiar; abrigo livre das tempestades e das investidas de predadores, que chegam, sempre, para cumprir um certo desiderato de vida, aquele da superação alheia, contanto que se possa preservar a espécie e sobretudo a pele. Vive-se hoje no mundo dessa maneira, à semelhança dos animais silvestres, em permanente beligerância ou em estado de alerta, para inibir a vitória do inimigo, que é o adversário da vida!

Na perspectiva do que vem sendo tratado neste ensaio, desde

as palavras introdutórias aos comentários finais, é possível concluir que a sociedade brasileira foi construída para explodir, como se tem agora, numa verdadeira guerra dos humildes e maltratados, contra eles mesmos e contra as elites, haja vista a linha divisória entre colonizadores e por isso poderosos e colonizados, desprovidos do poder, então! Nunca, em tempo algum, durante o processo de verdadeira aculturação nacional, se deu valor aos segmentos sociais menos favorecidos, desde os tempos da escravatura. Assim, até as igrejas da religião Católica Apostólica Romana, em cujas bases estão os princípios da fraternidade e da caridade, eram diferentes, reunindo negros em espaços separados daqueles nos quais se juntavam os brancos. E isso perdurou e perdura, de tal forma que há uma incrível distância entre a burguesia e a pobreza. De mais a mais, os pobres da sociedade e de várias comunidades, na vertente do desajuste individual dantes discutida, passaram a vivenciar a fantasia da riqueza e da fartura, enveredando pelo tráfico e pelo uso das drogas. Assim, podem dispor de recursos financeiros e podem, especialmente, contar com um certa força comunitária, legislando sobre o coletivo dos companheiros e dirigindo impérios fantasmas, da cocaína e da maconha. Esses impérios, reinos do nada, também, sustentam um permanente confronto junto aos concorrentes. Nos morros do Rio de Janeiro, como nas favelas do Recife, as noites são preenchidas pelo som mórbido e muitas vezes mortal das metralhadoras, dos rifles de repetição e dos revólveres, cuja musicalidade é a da morte, mesmo com a claridade da pólvora! Importa, também, comentar o quanto a impunidade tem sido maléfica nesse processo de violência desmedida, do qual vem se tratando. O que se observa no Brasil, mas, da mesma forma, noutros países da América Latina, é a falta de punição para os crimes todos, inclusive porque o primeiro dos delitos assim criminoso, quase sempre, é visto pela justiça com o beneplácito da falta de antecedentes, resultando na permissão para responder em liberdade, o que traz para cada um dos brasileiros a permissão, teórica, de matar um dos semelhantes. De mais a mais, muitos dos assassinos, de qualquer que seja a classe social, permanecem gozando da liberdade que é facultada a todos, andando, livremente, circulando de casa para todos os lugares, sem que seja incomodado pela polícia ou procurado pelas varas judiciais, embora os presídios estejam abarrotados.

Entende-se, perfeitamente, que a violência urbana, como aquela

nascida no meio rural, não pode reconhecer, simplesmente, uma única causa, senão um conjunto causal de múltiplos fatores, os quais interagem no sentido da marginalização humana; marginalização tomada aqui no sentido mais largo da palavra. Há interveniências, mais do que claras, do esvaziamento observado no espírito humano, num grande vazio d'alma que caracteriza, nesses tempos de globalização, a imensa solidão do homem. O consumismo dos dias que correm substitui valores outros, dantes tocantes para a criatura. Há razões, como se demonstrou, de cunho social e econômico, resultantes das distorções todas surgidas no processo de colonização e mantidas assim no seio da coletividade. Da mesma forma, há motivos ligados à família, às relações dessa constelação com o meio em que vive e sobrevive, desde as vinculações religiosas, as quais servem como frenagem à ilicitude desmedida, àquelas do apenas coletivo, além, naturalmente, da vivência propriamente dita no ambiente doméstico, onde a figura paterna tem papel relevante e no qual a mãe, sozinha, dificilmente pode enfrentar a educação dos filhos. Impossível afastar a influência exercida pela pobreza, a qual, já se comentou, não responde diretamente pela agressividade do homem, mas interfere, criando a desilusão e levando, muitas vezes, a criatura ao desespero. A fuga, para o álcool e as drogas é de grande relevância, indiscutivelmente, e inúmeras das ocorrências são registradas assim, durante o estado peculiar de ação dessas substâncias alucinógenas, que inebriam. De outra parte, os pobres que se envolvem com a criminalidade permitem-se o sonho do aqui e do agora, desejam gozar o momento e a hora, ignoram o futuro, porque o futuro é a morte, como afirmou Cecília Minayo, em conferência proferida no Recife. Querem o sapato tênis de boa procedência, a roupa de boa marca também e a participação festiva nos eventos do bairro; lançam-se, então, ao roubo e ao furto, ao assassinato fácil e mergulham no crime em geral, contanto que assegurem um pouco do muito de que dispõem os de classe média e os abastados. Gente sem escolaridade, incapacitada para o trabalho, pois, sem especialização, afastada assim de um mercado de trabalho insipiente, no qual somente aqueles altamente desenvolvidos, na técnica e na ciência, podem se incluir. Mas, gente com sonhos e fantasias, interessada no crescimento econômico e financeiro, cujo ganho, no tráfico e noutras formas ilícitas, traz dinheiro e alimenta o imaginário! Tudo isso se agrava com a impunidade reinante!

É fundamental no Brasil, como nos demais países da América Latina, colonizados, também, sob a mesma filosofia, a da concentração de renda tomada como bandeira, que se permita o exercício, mais do que legítimo, da cidadania. Não que isso venha com a promulgação de leis ou de outras posturas legais, as quais já existem e de hábito, não são cumpridas. É preciso que o povo tome conhecimento dos direitos assegurados e dessa forma possa mudar o comportamento, assumindo o papel de gente, propriamente. Parece caber à sociedade de hoje, às lideranças em geral, o mister de conscientizar o povo, de levar a todos a voz da verdadeira liberdade democrática e dos direitos escritos nos papéis das leis nacionais e das posturas internacionais, alargando os horizontes. Isso precisa nascer nos bancos da escola, no aprendizado das primeiras letras, quando é possível educar, também, para a vida, esclarecendo meninos e meninas, aos quais caberá a mudança de comportamento pessoal e a influência sobre a família. Num País como este, no qual a taxa de analfabetismo chega a 17,2% no total, segundo dados do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), mas no Nordeste alcança 37,65%, é difícil atingir as crianças e os adolescentes, enfim, aqueles inseridos nas idades apropriadas à formação, até porque a evasão escolar é muito alta, seja pela carência social ou pela repetência. Ou se investe, fortemente, na educação básica, nas oito séries consideradas obrigatórias, procurando-se preparar o jovem para uma profissão já, na área técnica, preferentemente, ou não se terá saída para o País. É necessário levar o discurso da cidadania às igrejas, às associações de bairro e a todos os lugares nos quais as populações se concentrem, fazendo o que tanto recomendou Joaquim Nabuco, a integração social do negro, alargada, agora, para os excluídos sociais todos. Ou cumprir o transabolicionismo de que falou Gilberto Freyre, na mesma perspectiva do autor anterior, que deve chegar, também, aos atores sociais da violência e do crime! De outra parte, as demais razões, aqui já consideradas como causais, devem ser objeto de discussão, larga e ampla, entre os diversos segmentos da coletividade, como os clubes de mães e outras formas de reunir pessoas. Nas escolas, particularmente, pode-se ter a presença dos pais e os educadores, especializados no comportamento humano, terão muito a transmitir e muito a transferir, em termos da teoria da delinqüência e das possibilidades de prevenção ou de correção. Mas, ao Estado deve caber o desiderato maior, o de promover a distribuição

da renda, providenciando a tão desejada reforma agrária e a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Sem desprezar as obrigações da polícia e da justiça com a punição, rigorosa, sempre, dos infratores todos. Há muito o que fazer, na tentativa de se reverter a crise do humano, a solidão da criatura e o isolamento do homem!

Bibliografia

1) ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vacas loucas, coreanos e Democracia. *Veja*, São Paulo, n. 1480, p. 126, 29 jan.1997.

2) ANDRADE NETO, Joaquim Correia de. Uma breve reflexão sobre a modernização da agricultura no Nordeste Oriental. *Revista de Geografia.* Recife: UFPE/NAPA, p. 35-40, jul. 1996.

3)ANDRADE, Manoel Correia de. *Globalização & Geografia.* Recife: Ed. Universitária-UFPE, 1996.

4)ANDRADE, Manoel Correia de. Globalização e problemas regionais. *Revista de Geografia.* Recife: UFPE/NAPA, p. 9-20, jul. 1996. Edição Especial.

5) ASSIS, Simone Gonçalves de. *Quando crescer um desafio social: estudo sócio-epidemiológico sobre a violência em escolares de Duque de Caxias, RJ.* São Paulo, 1996. p. 4. Tese de Mestrado – Escola Nacional de Saúde Pública, 1991.

6) BARBOSA, Sônia Maria Costa, BARBOSA, Claudio Manoel, SANTOS, Fernando Vinicius B., SCOTT, Russel Parry. Violência e sexualidade no Ibura. In: SCOTT, Parry Russel (Coord.). *Saúde e pobreza no Recife: poder, gênero e representações de doenças no bairro do Ibura.* Recife: Ed. Universitária-UFPE, 1996. p 131-159.

7) BITOUN, Jan. Análise dos bairros do Recife através da distribuição da renda. *Revista de Geografia.* Recife: UFPE/NAPA, p. 41-56, jul. 1996. Edição Especial.

8) CASTRO, Josué de. *Geografia da fome.* 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

9) COSTA, Jurandir Freire. A devoração da esperança do próximo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1996. Caderno Mais, p.5.

10) DESENVOLVIMENTO da Educação no Brasil. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

11) DIMENSTEIN, Gilberto. A epidemiologia da violência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1996. Caderno Mais.

12) FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & senzala*. 11ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

13) HEALTH's Central to Social Development. World Summit on Social Development. 11-12 March, Copenhagen, Denmark. *WHO* 18. Press Release 6 march 1995. Internet: http// www.who.org

14) HEALTH Consequences of the Spiral of Violence. *WHO* 19. Director-General (Hiroshi Nakajima) Voices. Press Release 14 march 1996. Internet: http//www.who.org

15) HOMICIDES Among 15-19 Year Old Males - United States, 1963-1991. - Morbidity and Mortality Weekly Report. October 14, vol. 43, n 40. 1994. USA, 1994.

16) HOMICIDES Among 15-19 Year Old Males. United States 1963-1991. October 14, 1994. Vol.43, número 40. Departament of Health and Human Services. Public Health Services. Center for Disease Control and Prevention. USA, 1994.

17) LEVINE, Felice, ROSICH, Katherine. Social Causes of Violence: Crafting a Science Agenda. American Sociological Association (ASA). Report on Violence. Internet: spivak@asanet.org

18) MELO, Mário Lacerda de. *Migração para o Recife*. I Estudos Geográficos. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 1961.

19) MINAYO, Cecília. Violência urbana - causas e implicações no sistema de saúde e soluções. Recife, 1997. Conferência pronunciada no Ciclo de Debates "SUS: Novos Diagnósticos e Soluções", em 26 de maio de 1997.

20) NO mapa rural, a origem das mazelas - SINDUSCON-SP. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1996. Caderno Mais, p. 5.

21) PATTERNS of Homicide - Cáli, Colômbia 1993-1994. Morbidity and Mortality Weekly Report. October, 6, 1995. Vol. 44, número 39. Departament of Health and Human Services. Public Health Services. Center for Disease Control and Prevention. USA, 1995.

22) PEREIRA, Nilo. *Reflexões sobre um fim de século*. Recife: Edição Radier, 1979.

23) PINHEIRO, Paulo Sérgio. As relações criminosas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1996. Caderno Mais, p. 7.

24) RIGOTTO, Raquel Maria. As relações de trabalho na atual conjuntura e seus reflexos na área de segurança e saúde (Síntese). Salvador, 1996. Conferência pronunciada no Forum Nordestino sobre Segurança e Saúde nas Novas Relações de Trabalho, promovido pela Fundacentro. Salvador, 17 a 19 de julho de 1996.

25) SACHS, Ignacy. Brasil e os riscos da modernidade. Tradução de Maria Ignez Duque-Estrada. *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 20, n. 119.

26) SCOTT, Parry Russel. O Ibura: retratando a sua história social e as suas condições de saúde. In: SCOTT, Parry Russel (Coord.). *Saúde e pobreza no Recife: poder, gênero e representações de doenças no bairro do Ibura*. Recife: Ed.Universitária-UFPE, 1996. p 19-36.

27) TOLEDO, José Roberto de. Violência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1996. Caderno Mais, p. 4.

28) VERMELHO, Leticia Legay. *Mortalidade de jovens*: análise do período de 1930 a 1991 (A transição epidemiológica para a violência). São Paulo, 1994. Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

29) VIOLENCE – A Blind Alley. Statment by who's Director-General (Hiroshi Nakajima). *WHO* 17. Press Release. 6 march 1996. Internet: http//www.who.org

30) YUNES, João, REIS, Danuta. Tendencia de la mortalidad por causas violentas en la poblacion general y entre los adolescentes jovenes de la region de las Americas. *Cadernos de Saúde Pública*, São Paulo, v. 10, p. 88-125, 1994. Suplemento 1.

31) ZALUAR, Alba, NORONHA, José C. de, ALBUQUERQUE, Ceres. Violência: pobreza ou fraqueza institucional? *Cadernos de Saúde Pública*, São Paulo, v. 10, p. 213-7, 1977. Suplemento 1.

32) ZISMAN, Meraldo. *Violência: a metamorfose do medo*. Recife: Oedip, 1994.